

A NATUREZA DOS ADJETIVOS PRÉ- E PÓS-NOMINAIS

Cristina de Souza Prim¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar algumas das contribuições e limitações da hipótese de movimento de núcleo, hoje bastante criticada pela literatura, para estudos relacionados a adjetivos do português brasileiro. Os autores que assumem tal hipótese defendem que adjetivos são gerados pré-nominalmente e que o movimento do nome sobre o adjetivo explica a ordem superficial não marcada (posposta ao nome, no DP). Há, no entanto, duas formas diferentes de analisar a natureza dos adjetivos que têm se destacado na literatura: de um lado, diversos autores, representados neste artigo por Crisma (1990, 1993, 1996), defendem que adjetivos entram nos DPs como especificadores de projeções funcionais específicas e, assim, são sempre XPs; de outro, autores como Bernstein (1993), por exemplo, defendem que adjetivos podem ser auxiliares ou adjuntos, isto é, podem ser núcleos ou XPs. Tal divergência aponta quais os problemas que uma nova hipótese deve enfrentar.

Palavras-chave: Hipótese de movimento de núcleo. Adjetivos pré- e pós-nominais. Natureza dos adjetivos.

INTRODUÇÃO

Sintagmas como em (1) nos fazem pensar que línguas como o português brasileiro (PB) apresentam certa flexibilidade na ordem dos elementos do sintagma nominal. Essa conjectura, no entanto, abala-se diante de (2) e (3) e precisa ser reavaliada, pois nem todos os adjetivos podem aparecer nas duas posições, caso em que são obrigatoriamente pré ou pós-nominais.

- (1) a. Um simples homem
- b. Um homem simples
- (2) a. Um mero homem
- b. *Um homem mero
- (3) a. *Um vermelho carro
- b. Um carro vermelho

Em (1), podemos ver que a diferença no posicionamento carrega alguma mudança de significado, e isto ocorre com frequência na língua, ainda que a diferença seja sutil em certos casos. Se adjetivos não querem dizer o mesmo em posição pré- ou pós-nominal, há, portanto, ordenação rígida dos elementos, e determiná-la auxiliará, dentre outras coisas, a esclarecer certas diferenças de comportamento entre as posições.

Algumas hipóteses parecem dispostas a dar conta da ordem dos elementos no sintagma. A hipótese de movimento de núcleo, uma das mais interessantes (por aproximar grupos de línguas) e difundidas, assume que adjetivos são gerados no campo pré-nominal, e que é o nome que se movimenta por sobre os adjetivos, explicando assim a posição pós-nominal dos adjetivos. Esta hipótese é bastante econômica – visto que apenas o nome, e não todos os adjetivos, devem se mover – e permite que se façam generalizações quanto o posicionamento dos adjetivos, além de potencialmente abranger qualquer língua, o que é bastante interessante aos olhos da gramática gerativa. Baseados nesta última hipótese estão os trabalhos de Bernstein (1993) e Crisma (1990, 1993, 1996), que serão discutidos neste artigo.

Este artigo tem por objetivo apontar algumas das contribuições e limitações da hipótese de movimento de núcleo para estudos relacionados a adjetivos.

2 A HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE NÚCLEO

Cinque (1993) é um dos autores que apresenta evidências para a hipótese de movimento de núcleo. Baseia-se, para isto, em sintagmas nominais nas línguas românicas e germânicas. A hipótese de movimento de núcleo permite que afirmemos que ambos os grupos de línguas têm as mesmas posições de base

para adjetivos, mesmo para os adjetivos atributivos, que nas línguas românicas podem aparecer tanto à esquerda quanto à direita do nome, e nas germânicas podem somente anteceder o nome. Cinque defende que a posição de base dos adjetivos atributivos em línguas românicas e germânicas é sempre à esquerda de N, e o que as diferencia é o movimento de N para um núcleo funcional somente nas línguas românicas.

(4) a. Nas línguas românicas:

$$[D.[AP \underset{\curvearrowright}{Y} [AP_{atr} N]]]$$

b. Nas línguas germânicas:

$$[D.[AP \underset{\curvearrowright}{X} [AP_{atr} N]]]$$

O autor apresenta três argumentos a favor da hipótese de movimento de núcleo. O primeiro é baseado na distribuição de APs temáticos (isto é, que expressam papel temático externo de N, como *italiana*, no exemplo abaixo). Estes APs só podem estar localizados superficialmente entre o núcleo do sintagma e seu complemento:

(5) a. *A italiana invasão da Albânia.

b. A invasão italiana da Albânia.

(5b), no entanto, não reflete a suposta ordem de base, que é constituída por APs precedendo N. Pode-se, então, supor que ou N moveu-se para uma posição de núcleo mais alta, passando por sobre o AP, ou o complemento, que é o PP *da Albânia*, foi movido para a direita, passando sobre o AP gerado à direita. Se escolhêssemos a segunda hipótese, teríamos que postular movimento de diversos elementos quando houvesse mais de um complemento no sintagma, e esta opção não aproxima grupos de línguas, como é o caso da primeira hipótese. Postulando movimento do núcleo nominal, podemos dizer que as línguas românicas e germânicas possuem a mesma estrutura profunda e utilizam-se das mesmas regras para governar a ordem das palavras do sintagma, a saber, a teoria temática e a X-barras.

Outro argumento para a hipótese de movimento de núcleo é fundamentado na distribuição de APs atributivos, que, como já dissemos acima, podem ocorrer tanto antes quanto depois do nome nas línguas românicas, enquanto nas línguas germânicas são obrigatoriamente pré-nominais. Cinque defende que, em ambos os grupos de línguas, AP_{atributivo} precede o nome, mas nas línguas românicas N pode mover-se para uma posição mais alta que a desse AP, como vimos em (4). Este movimento traz consigo mudanças semânticas para o sintagma nas línguas românicas: quando o AP se localiza após o nome (cf. 6), ele tem interpretação de modo; mas se está precedendo (cf. 7), sua interpretação pode ser orientada para o sujeito ou de modo; e, por fim, como vemos em (8), a ordem [*N Compl AP] não é permitida.

- a. A agressão brutal deles à Albânia. (= o modo de agressão foi brutal)
- b. A brutal agressão deles à Albânia. (= foi brutal da parte deles atacar a Albânia)
- c. *A agressão deles à Albânia brutal.

Esta posição dos adjetivos de modo é partilhada com os APs_{temáticos}, ou seja, esses dois tipos de adjetivos competem pela mesma posição. Em posição pós-nominal não há leitura orientada para o falante ou para o sujeito. Na posição pré-nominal, os APs atributivos orientados para o sujeito podem ser antecidos por APs orientados para o falante. Pode-se dizer, portanto, que a estrutura incluirá a seguinte ordem de APs:

(6) [AP_{orientado para o falante} [AP_{orientado para o sujeito} [AP_{modo/temáticos} [N]]]]

Nas línguas germânicas, esta é a ordem que encontramos superficialmente, e nas línguas românicas N pode mover-se para uma posição mais alta, passando sobre AP_{modo/temático}. Isto nos possibilita dizer que as posições de base são as mesmas e, por isso, esta ordenação é argumento para o movimento de núcleo.

O terceiro argumento é estabelecido através de análise de APs_{predicativos} nas línguas românicas e germânicas. Vimos acima que a ordem [*N Compl AP] é inaceitável quando o AP é atributivo. Mas os seguintes exemplos mostram que ela se torna aceitável com quebra de entonação entre o complemento e o AP, ou

quando os APs estão coordenados ou modificados por especificador ou complementos:

- (7) A agressão deles à Albânia, BRUTAL.
- (8) A agressão deles à Albânia, improvisada e brutal.
- (9) A agressão deles à Albânia, muito pouco brutal.
- (10) A agressão deles à Albânia, brutal em seus efeitos.

Esses casos envolvem APs_{predicativos}, que nas línguas românicas e germânicas aparecem após N e seu complemento. São considerados APs_{predicativos} somente aqueles que podem ocorrer em posição pós-copular; outros adjetivos, que não podem ocorrer na posição pós-copular, não ocorrem tampouco na construção [N Compl AP].

- (11) *Este motivo é principal.
- (12) *Este é o motivo de sua partida, PRINCIPAL.

Nas línguas românicas, encontramos uma situação paralela. APs do inglês, por exemplo, aparecem normalmente a esquerda de N, mas esses adjetivos também podem ser encontrados após N quando coordenados ou modificados.

- (13) a. *A man proud
/um homem orgulhoso/
- b. A man bruised and battered
/ um homem ferido e espancado/
- c. A man proud of his son
/um homem orgulhoso de seu filho/

A posição a direita é uma posição predicativa nas línguas germânicas, e isso é confirmado pelo fato que nenhum AP pode ocorrer lá que não possa também ocorrer em posição pós-copular, exatamente como nas línguas românicas, o que mostra mais uma vez que as posições de base para adjetivos das línguas românicas e germânicas devem ser as mesmas.

(14) *The indignity was utter.

/a humilhação foi absoluta/

(15) *The indignity, utter and simple.

/a humilhação, absoluta e simples/

Apresentaremos agora estudos que já trataram de algumas diferenças sintáticas entre os adjetivos em posição pré- e pós-nominal sob a luz da hipótese de movimento de núcleo. Duas formas diferentes de analisar a natureza dos adjetivos se destacam na literatura: de um lado, Crisma (1990, 1993, 1996) defende que adjetivos entram nos DPs como especificadores de projeções funcionais específicas e, assim, são sempre XPs; de outro, Bernstein (1993) defende que adjetivos podem ser auxiliares ou adjuntos, isto é, podem ser núcleos ou XPs.

2.1 CRISMA (1990, 1993, 1996)

Crisma (1990, 1993, 1996) defende que a distribuição dos adjetivos no sintagma nominal é predizível com base na sua interpretação, pois para ela a relação entre posição e interpretação é direta.

Baseando-se no paralelismo existente entre a estrutura da sentença e dos sintagmas, Crisma compara adjetivos de nominais eventivos e advérbios, tratando esses elementos como variantes contextuais das mesmas categorias abstratas. A autora mostra que regularidades encontradas no comportamento de advérbios podem ser detectadas na distribuição de adjetivos e propõe assim uma classificação para adjetivos baseando-se nos estudos de Jackendoff (1972, apud Crisma, 1990, 1993)² sobre advérbios. O resultado será uma análise que distribui os adjetivos em diferentes subcategorias, geradas em posições fixas dentro da estrutura X-barra na sintaxe dos DPs.

Jackendoff distribui advérbios em algumas classes, de acordo com a posição que podem ocupar na estrutura da sentença. Observa que os advérbios que não podem aparecer em posição final são semanticamente incompatíveis

com a interpretação de modo. Já os que não ocorrem em posição inicial são incompatíveis com a interpretação orientado para o falante ou para o sujeito.

Antes de tentar identificar efeitos similares aos dos advérbios na distribuição de adjetivos, é preciso diferenciar adjetivos orientados para o falante ou orientados para o sujeito, adjetivos de modo e uma classe individual de adjetivos correspondente à “classe *merely*” (meramente) de Jackendoff. Crisma (1990, 1993) nota que somente um adjetivo por sintagma pode receber uma das interpretações de orientação (para o falante ou para o sujeito) ou modo.

No caso dos adjetivos orientados para o falante e para o sujeito, a diferença entre eles, mais do que estrutural, é semântica. Por seu turno, a distinção entre adjetivos orientados para o sujeito e de modo não é simples de se estabelecer. O contraste entre adjetivos orientados para o falante e de modo é mais claro: o primeiro ocupa uma posição mais alta que o segundo. Essa também é a conclusão quando se observa que, se não há leitura de modo possível, o adjetivo tende a ser pré-nominal. Examinando exemplos com adjetivos idênticos ocupando a posição pré- e pós-nominal, Crisma (1996) notou que, em italiano, adjetivos pós-nominais recebem interpretação de “modo”, nunca de orientação para sujeito ou para o falante, mas os pré-nominais são ambíguos em muitos casos e não se sabe se são adjetivos orientados para o sujeito ou adjetivos de modo, já que adjetivos pré-nominais também podem receber interpretação de modo, como ocorre no seguinte exemplo:

- (16) a. A solução efetiva do problema
b. A efetiva solução do problema

Para explicar as duas aparentes posições para adjetivos de modo, precedendo e seguindo o nome, como em (19a) e (19b), Crisma (1990, 1993) assume que há de fato duas possíveis posições em que se podem gerar adjetivos de modo. Já em Crisma (1996), as interpretações de modo com adjetivos pré-nominais passam a ser derivadas através de movimento do nome da posição mais baixa para a mais alta por conta da impossibilidade de coocorrência de adjetivos de modo em ambas as posições. Nas duas explicações, podemos esperar que haja diferenças de interpretação de acordo com a posição ocupada,

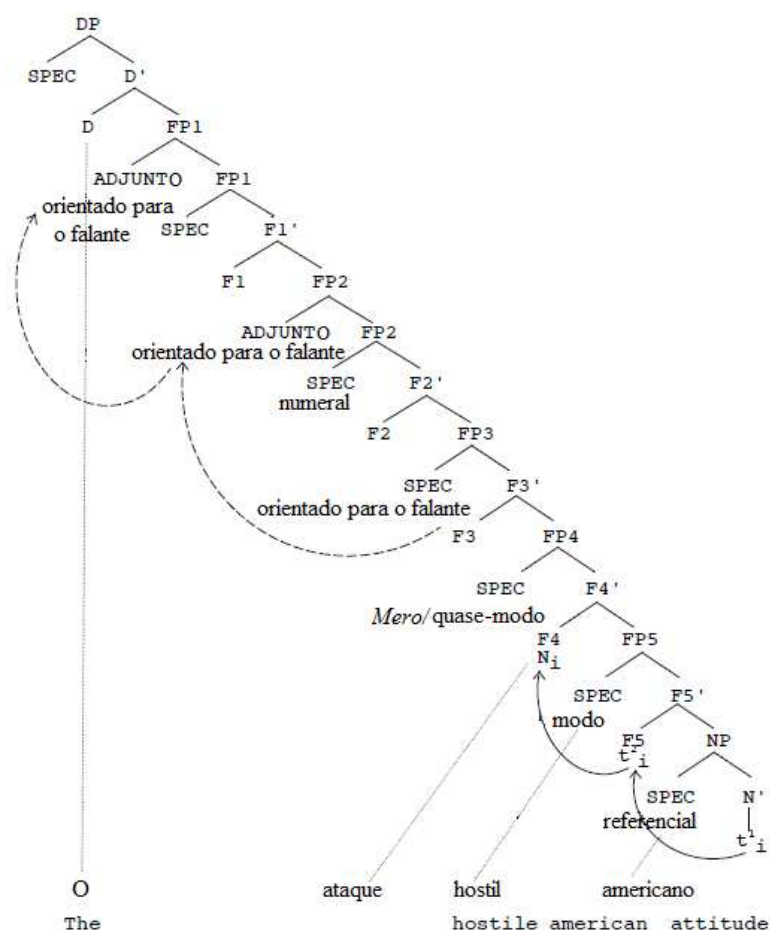
visto que em certos contextos somente uma das posições fornece sentenças gramaticais:

- (17) a. As agressões brutais foram severamente condenadas.
b. ?As brutais agressões foram severamente condenadas.

Resta determinar se a classe dos adjetivos como "mero" se comporta como a dos advérbios do tipo "meramente". Considera-se que uma restrição similar à dos advérbios pesa sobre os adjetivos correspondentes, que podem aparecer somente em posição pré-nominal. Crisma (1993) aventava a possibilidade de implantar uma nova projeção funcional para esses adjetivos, mas não a adota por não encontrar evidências suficientes para atribuir a esses adjetivos o *status* de posição estrutural.

Neste momento já somos capazes de determinar as posições dos adjetivos em nominais eventivos. A ordem de base é D – possessivo – adjetivos numerais – orientados para o falante/para o sujeito – "mero"/ quase-modo – modo – adjetivos referenciais – N. Em (21) a seguir, apresentamos a estrutura do DP com suas posições de base e as indicações de possíveis movimentos (baseado em CRISMA, 1990, p. 138):

(18)



Crisma (1993), consoante ao que vemos na estrutura acima, afirma que os adjetivos orientados para o falante/ sujeito e os adjetivos de modo são gerados na posição de especificador de duas projeções funcionais distintas, e que o núcleo N executa dois movimentos.

2.2 BERNSTEIN (1993)

Como dissemos, Bernstein defende que adjetivos podem ser auxiliares ou adjuntos, isto é, podem ser núcleos ou XPs. Trataremos de alguns padrões adjetivais discutidos pela autora que a levaram a assumir tal hipótese. A autora separa os adjetivos em classes. Uma das classes constitui-se de adjetivos que aparecem antes e depois do nome, exibindo leituras diferentes numa posição e noutra (cf. 22); outra se constitui de adjetivos que são obrigatoriamente pré-nominais (cf.23):

- (19) a. As perfumadas flores (leitura não-restritiva)
 b. As flores perfumadas (leitura restritiva)
- (20) Um mero acidente

Ainda que ambos ocorram pré-nominalmente, esses adjetivos não podem pertencer a uma única classe. Uma característica que os diferencia é que o adjetivo de (22), assim outros adjetivos atributivos regulares, pode aparecer predicativamente, mas o adjetivo de (23) não pode:

- (21) As flores são perfumadas.
 (22) *o acidente é mero.

Outra característica que distingue os dois grupos de adjetivos pré-nominais é a modificação. Em (22), o adjetivo pode ser modificado por um intensificador, ao contrário do adjetivo em (23), que não aceita modificação alguma.

- (23) a. ?as muito perfumadas flores
 b. as flores muito perfumadas.
- (24) *Um muito mero acidente.

Uma última característica que os diferencia é a possibilidade de adjetivos atributivos regulares aparecerem em construções nominais elípticas *e/* ou com *ne/en*. Quando ocorre nestas construções, o adjetivo retém apenas o significado que tem no campo pós-nominal; por isso as construções (30) e (31) não são gramaticais. O mesmo contraste que se nota em espanhol ou italiano se vê também em português (apesar de não existir no português nada similar ao clítico *ne* do italiano ou *en* do francês, ou mesmo *-o*, que aparece em *un-o* do italiano), como mostra a tradução dos exemplos:

- (25) He sentido unas olorosas.
 /senti umas perfumadas/
 (26) Ne ho visto una simpática.
 /cl. Vi uma simpática/

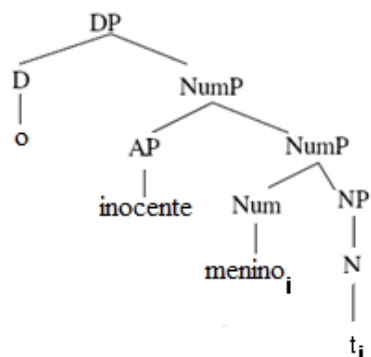
- (27) *He visto uno mero.
/*vi um mero/
(28) *Ne ho visto uno mero.
/*cl. Vi um mero/

Uma observação que fazemos é que as restrições “não ocorrer em contextos predicativos” e “não aceitar modificação ou complementação” não são suficientes para delimitar os adjetivos exclusivamente pré-nominais em português. Um adjetivo como *nuclear*, em *um físico nuclear*, sofre os efeitos destas duas restrições, apesar de ser pós-nominal. O adjetivo *big*, em *um big problema*, aceita a posição predicativa e modificação, apesar de ser exclusivamente pré-nominal em português; esse adjetivo parece trazer consigo as propriedades do inglês.

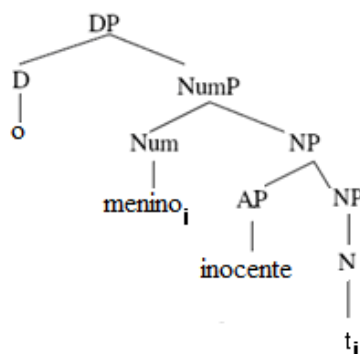
Na sintaxe, os reflexos das diferenças apontadas são: adjetivos pré-nominais, que também podem ser pós-nominais, como *perfumadas*, por exemplo, são adjungidos a XP (veremos em seguida quais os possíveis XPs) nos DPs das línguas românicas. Já em (23) temos um exemplo de um adjetivo considerado um núcleo sintático para Bernstein. Veremos em seguida a representação estrutural oferecida para cada caso.

A fim de dar conta da classe de adjetivos que aparece pré- e pós-nominalmente, Bernstein propõe que esses adjetivos podem ser adjungidos tanto a NP quanto NumP.

- (29) a. O inocente menino
b.



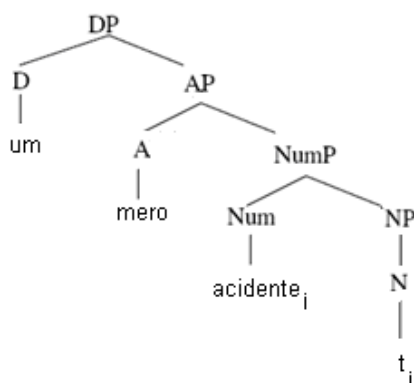
- (30) a. O menino inocente
b.



A ordem superficial, portanto, depende do movimento do nome por sobre o adjetivo quando N se move para Num⁰. Em (32) o nome se move, mas não passa sobre o adjetivo; por conta disso o adjetivo aparece anteposto ao nome na ordem superficial. Chamamos a atenção neste ponto para as interpretações que (32) e (33) podem ter. Esta diferença é determinada pelo lugar de adjunção, não pelo movimento: o adjetivo adjunto a NumP tem interpretação não-restritiva (e aparece em posição pré-nominal) e adjetivo adjunto a NP tem interpretação restritiva (e aparece em posição pós-nominal). Dessa forma, a autora pode mostrar como diferenças de ordem e interpretações podem ser explicadas por uma teoria que assume pelo menos dois lugares de adjunção para adjetivos na estrutura profunda.

Em seguida, Bernstein trata com mais profundidade dos adjetivos que aparecem somente no campo pré-nominal (adjetivos como núcleos, ou elementos X⁰). Segundo Bernstein, esses adjetivos não podem ser modificados, tampouco aparecer em contextos predicativos ou em construções nominais elípticas devido aos próprios requerimentos seletivos. Em (34), temos um exemplo com um adjetivo estritamente pré-nominal:

(31)



O adjetivo *mero* tem projeção máxima que é parte da estrutura nominal. Esses adjetivos, portanto, não aparecem em posição pós-nominal pois o adjetivo age como um núcleo interveniente e o movimento de N, para ultrapassá-lo, violaria a condição de movimento de núcleo (HMC). O único movimento que ocorre, o do nome, se submete obrigatoriamente a movimento de núcleo para núcleo e assim pode ir apenas até Num⁰, amalgamando-se à flexão de número, pois o "amalgama" só se faz com categorias funcionais, como a flexão; por isso ele não pode ir para A se incorporar ao adjetivo.

A autora discute, em seguida, algumas consequências da sua proposta. Uma delas diz respeito a adjetivos estruturalmente ambíguos. Há adjetivos que exibem os dois tipos de estrutura (núcleo adjetival/ adjetivo adjunto). Dentre os adjetivos que podem ocorrer tanto antes quanto depois do nome, a diferença de interpretação de alguns não está associada à distinção restritiva/ não-restritiva, posta tradicionalmente. Os adjetivos dos seguintes exemplos exibem diferença mais significativa na interpretação.

(32) a. O simples homem.

b. O homem simples.

(33) a. O pobre homem.

b. O homem pobre.

Os adjetivos em (a) nos exemplos (35) e (36) têm características atribuídas a núcleos adjetivais, pois, como mostra (37), não são encontrados em contextos predicativos (a frase não é agramatical, mas não tem o mesmo significado de *o simples/ mero homem*), não permitem modificação como

mostra a impossibilidade de (38) e não ocorrem em construções nominais elípticas e/ ou com *ne/en* (ver 39, que, apesar de a sentença não ser agramatical, não tem o mesmo significado que teria se o adjetivo ocupasse a posição pré-nominal).

(34) O homem é simples

(35) *O muito simples (=mero) homem.

(36) Ne ho visto uno povero.

/Vi um pobre/

Já os adjetivos em (35b-36b) são adjetivos atributivos regulares, pois possuem características de XPs adjetivais – ocorrem em contextos predicativos como em (40) e aceitam modificação como mostra a gramaticalidade de (41), além de aparecerem em construções elípticas (cf.42). O português tem a construção elíptica, mas não a forma especial do determinante indefinido; de fato, o português se comporta como o espanhol, como mostra a tradução de (42), que só pode receber a interpretação do adjetivo quando ele é pós-nominal, que no caso é restritiva.

(37) O homem é simples (=o homem simples)

(38) O homem muito simples.

(39) He sentido unas olorosas.

/Senti umas perfumadas/

Estas diferenças distribucionais argumentam a favor de uma representação estrutural distinta. Para núcleos adjetivais, como os de (35a-36a), Bernstein propõe (34), a mesma oferecida para adjetivos como *mero*.

Para adjetivos adjuntos a XPs, que aparecem nos exemplos (35b-36b), a hipótese é de que também haja movimento do nome para posição Num. Isto é possível, pois o adjetivo é tratado como adjunto; dessa forma não intervém no movimento e a restrição de movimento de núcleo (HMC) é respeitada. Para estes adjetivos, a autora propõe a representação similar a (33b).

3 PRÓS E CONTRAS DA HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE NÚCLEO

No início deste artigo, mostramos diversos pontos ressaltados por Cinque (1993) como vantajosos da hipótese de movimento de núcleo. Gostaríamos de ratificar ainda que a estipulação de movimento do nome e não dos adjetivos torna a hipótese mais econômica, bem como a estipulação de que só ocorre movimento em uma direção, para cima. Hipóteses de movimento também são vantajosas por permitirem que se façam generalizações quanto o posicionamento dos adjetivos, além de potencialmente abranger qualquer língua, o que é bastante interessante aos olhos da gramática gerativa.

Há, no entanto, inúmeros problemas que esta teoria não é capaz de explicar.

O primeiro problema diz respeito a uma aparente restrição no número de adjetivos pós-nominais nas línguas românicas, ou, mais especificamente, a uma restrição no número de adjetivos encontrados depois de N e antes do complemento, ou adjunto, do N. Estas observações são feitas por Cinque (2007), que apresenta o seguinte exemplo para esta restrição:

(40) A única possível invasão_i romana t_i da Trácia.

(41) *? A única invasão possível romana da Trácia.

Note que o problema não está ligado ao adjetivo *possível*, que também pode ser pós-nominal:

(42) A única invasão possível da Trácia.

Em (43), é obrigatório o movimento de N sobre *romana*; mas em (44), quando N passa sobre *romana* e *possível*, o exemplo torna-se agramatical.

Outro problema é causado pela inesperada existência de ordem espelhada em sintagmas das línguas germânicas e românicas: sequências de adjetivos pós-nominais nas línguas românicas são caracteristicamente a imagem espelhada de sequências de adjetivos pré-nominais nas germânicas.

(43) The most probable main cause of his death

- (44) a. A causa principal mais provável de sua morte.
 b. *A causa mais provável principal de sua morte.

(46) e (47a) possuem a mesma interpretação, mas requerem propriedades de escopo reversas: *provável* (*probable*) com escopo sob *principal* (*main*) em inglês, e *principal* com escopo sob *provável* em português ou italiano.

Outro argumento contra a hipótese de movimento de núcleo pode ser posto em relevo através de (48):

- (45) Les [présumés [[[professeurs] chinois] malhonnêtes]]
 /os supostos professores chineses desonestos/

Na interpretação de escopo sugerida pelos colchetes, *malhonnêtes* (desonestos) pode ter escopo sobre *professeurs chinois* (professores chineses), enquanto estes todos estão sob escopo de *présumés* (supostos). Isto é um problema para uma teoria que analisa os adjetivos pós-nominais como consequência do movimento de N. A análise de movimento de núcleo nos leva a esperar que um pós-nominal não seja capaz de ter escopo sobre um pré-nominal, mas isto é possível mesmo se selecionarmos um adjetivo não-predicativo. Se assumíssemos que em *malhonnêtes* temos uma relativa reduzida, a fim de tentarmos explicar através da hipótese de movimento de núcleo como este adjetivo pode ter escopo sobre *chinois*, encontraríamos ainda um problema para explicar como *présumés* não está sob seu escopo na interpretação sugerida acima.

O quarto problema que apontaremos é gerado pela impossibilidade de a teoria de movimento de núcleo criar uma análise unificada para a semântica e a sintaxe de adjetivos pré- e pós-nominais nas línguas românicas e germânicas. Dito de maneira mais detalhada, a hipótese de movimento de núcleo não explica porque adjetivos como *invisible*, que pode ser tanto pré quanto pós-nominal, só pode ser pós-nominal quando a interpretação do adjetivo é *stage-level* (cf.49- 50); com essa mesma interpretação, adjetivos do inglês, como *visible*, podem ser pós-nominais.

- (46) a As estrelas invisíveis de Andrômeda estão muito distantes.
(ambígua)
- b As estrelas de Andromeda, geralmente invisíveis, estão muito distantes.
- c As estrelas de Andromeda, geralmente visíveis, mas que parecem estar invisíveis agora, estão muito distantes.
- (47) a As invisíveis estrelas de Andrômeda estão muito distantes.(não-ambígua)
- b As estrelas de Andromeda, geralmente invisíveis, estão muito distantes.
- c # As estrelas de Andromeda, geralmente visíveis, mas que parecem estar invisíveis agora, estão muito distantes.
- (48) a The visible stars include Aldebaran and Sirius (ambígua)
- b As estrelas que são geralmente visíveis, incluindo...
- c As estrelas que estão visíveis agora, incluindo...
- (49) a The (only) stars visible are Aldebaran and Sirius (não-ambígua)
- b #As (únicas) estrelas que são geralmente visíveis, incluindo...
- c As (únicas) estrelas que estão visíveis agora, incluindo...

4 ADJETIVOS:ESPECIFICADORES OU NÚCLEOS E ADJUNTOS?

Em relação à natureza sintática dos adjetivos, Bernstein (1993) traz razões para não adotar a hipótese segundo a qual adjetivos atributivos são gerados em posições de especificadores. Uma das razões postas para assumir que não são especificadores remete ao número de especificadores em potencial: a princípio, nada impede que o DP fique sempre mais articulado. E mais: se cada Spec é associado a uma classe semântica particular de adjetivos, é difícil explicar como pode haver variação na ordem de adjetivos. Além disto, múltiplos adjetivos de mesma classe semântica teriam que ser representados como adjunção múltipla a um XP idêntico.

Cinque (1993) contra-argumenta ao dizer que, gerando em posição Spec, limita-se automaticamente o número de adjetivos ao número de núcleos funcionais no DP (seis ou sete, segundo Cinque). Bernstein discute se dessa

forma não estaríamos criando XPs funcionais para acomodar um número potencial de adjetivos. Também é possível que o limite no número potencial de adjetivos não seja determinado pela sintaxe, mas antes por considerações processuais.

Cinque defende que há muitas razões que o fazem apostar em posições de especificador distintas, mesmo que isso acarrete a presença de um grande número de projeções entre D e NP. A primeira razão é que existem serializações de diferentes classes de APs, como vemos em (53) para nominais eventivos e em (54) para sintagmas nominais nucleados por nomes denotando um objeto real.

(50) Possessivo > cardinal > ordinal > orientados para o falante > orientados para o sujeito > modo > temáticos:

As suas duas outras prováveis grosseiras reações imediatas à tua carta.

(51) Possessivo > cardinal > ordinal > qualidade > tamanho > forma > cor > nacionalidade:

Os seus dois outros bem grandes quadros arredondados cinzas franceses.

Vemos também que o número de APs conectados é limitado a no máximo seis ou sete. A hipótese de engendramento de adjetivos nos especificadores das projeções funcionais também ganha neste ponto, ao justificar a existência de um número máximo de adjetivos pelo limite de projeções existentes. Esta teoria ainda leva mais uma vantagem: dispensa a estipulação de APs atributivos estarem à esquerda do núcleo na posição de base, ao contrário da teoria de adjunção. Essas e outras motivações fazem com que Cinque defenda que APs são gerados no especificador de projeções máximas.

O fato de adjetivos pré-nominais não poderem tomar complementos ou adjuntos³ foi tomado por Bernstein como um argumento a favor da hipótese de que eles podem ser núcleos:

(52) *aqueles [simples de resolver] problemas

Mas de acordo com Cinque (2007) se fossem núcleos, poderíamos esperar que um modificador agindo sobre o primeiro de muitos adjetivos deveria ter escopo sobre os adjetivos à sua direita, mas isso não ocorre. Em (56), um exemplo do norueguês, o modificador *alt-for* somente modifica o adjetivo *heit*.

- (53) alt-for heit sterk kafee
/much too hot strong coffee/

Cinque (2007) alega ainda que, em francês, alguns adjetivos exclusivamente pré-nominais podem também ser pós-nominais se coordenados:

- (54) a. des vrais coupables
/os verdadeiros culpados/
b. *des coupables vrais
- (55) a. des faux coupables
/os falsos culpados/
b. *des coupables faux
- (56) a. des vrais ou faux coupables
/os verdadeiros ou falsos culpados/
b. des coupables vrais ou faux

Para Cinque (1994) fica clara a impossibilidade de manter a análise que atribui uma posição de núcleo para esses adjetivos quando examinamos alguns adjetivos (obrigatoriamente pré-nominais diante de Ns comuns ou Ns próprios com determinantes explícitos) que devem ser ultrapassados por Ns próprios na ausência de determinante.

- (57) a. La sola Maria si è presentata
b. *Sola Maria si è presentata
c. *La Maria sola si è presentata
d. Maria sola si è presentata

Se o adjetivo fosse núcleo, não deveria ser permitido este movimento sobre ele. O fato de não haver muitos adjetivos ditos núcleos que possam ser ultrapassados por Ns próprios não pode ser, para Cinque, tomado como evidência de seu estatuto de núcleo, pois diz o autor, apesar de não exemplificar, que o movimento do nome próprio para D é impossível mesmo com alguns adjetivos pós-nominais.

O que Bernstein (1993) propõe para (60*propri*) é que *solo* não é um AP adjunto ou núcleo, mas que // *solo* é um elemento D complexo, o que explica este exemplo, mas enfraquece a teoria.

Em relação aos adjetivos exclusivamente pré-nominais, Cinque pontua que o fato destes adjetivos de modificação direta nunca poderem ser ultrapassados pelo N (ou NP, afinal podem coocorrer mais de um adjetivo de modificação direta no sintagma), em alguns casos, pode estar relacionado ao fato de os adjetivos pousarem em posições que são mais altas que as posições para as quais o N (ou o NP) pode se mover.

Mas a posição alta do adjetivo não pode explicar os exemplos que seguem: há adjetivos exclusivamente pré-nominais que são mais baixos (ou seja, aparecem em ordem linear mais à direita) que alguns adjetivos que podem ser tanto pré-nominais quanto pós-nominais.

(58) o aclamado primeiro presidente negro dos Estados Unidos

(59) o dito mero auxiliar do prefeito

(60) o requerido meio litro de óleo

(61) o então pretenseo batuqueiro

Isto sugere que deve haver outras razões para esses adjetivos nunca poderem ser ultrapassados, que podem inclusive ser diferentes dentre as línguas românicas.

CONCLUSÕES

Vários fatos ligados à interpretação dos adjetivos em diferentes posições foram notados não apenas por Crisma mas por muitos outros estudiosos, o que

nos mostra de maneira cabal que desconsiderar a semântica dos adjetivos para este trabalho seria ignorar fatores importantes de diferenciação entre as posições pré- e pós-nominal. O trabalho de Crisma, no entanto, não esgota as possibilidades semânticas dos adjetivos. O trabalho de Bernstein também envolve em sua hipótese a semântica dos adjetivos, mas considera com mais evidência apenas a diferença restritivo/ não-restritivo. Além desta proposta não captar ambiguidades possíveis na posição pós-nominal, no caso do português, não apresenta critérios consistentes para diferenciarmos quando um adjetivo que pode ser pré- e pós-nominal será um auxiliar ou um adjunto na posição pré-nominal. Em (65), por exemplo, aparentemente teríamos um adjetivo núcleo, pois não parece ocorrer leitura não-restritiva neste exemplo. Mas, como vemos em (66), a posição predicativa é aceitável para este adjetivo, o que não ocorre com adjetivos núcleos.

(62) João e Maria vivem em diferentes cidades.

(63) As cidades que João e Maria vivem são diferentes.

São diversos os problemas existentes nesta hipótese de Bernstein.

A hipótese que defende que adjetivos estão posicionados em especificadores de projeções funcionais específicas para cada tipo de adjetivo parece ser a mais consistente. Os problemas que a hipótese de movimento de núcleo apresenta não parecem inviabilizar esta afirmação.

O que notamos, de modo geral, é que os problemas da hipótese de movimento de núcleo se tornam mais claros em DPs com mais de um adjetivo. Uma nova teoria, portanto, precisa ser estudada com base em DPs complexos.

THE NATURE OF PRENOMINAL AND PRONOMINAL ADJECTIVES

ABSTRACT

The objective of this article is to present some of the contributions and limitations of the head movement hypothesis – which today has been very

criticized by the literature – to the studies related to Brazilian Portuguese adjectives. The authors who assume such hypothesis claim that adjectives are generated prenominaly and that the movement of the name on the adjective explains the unmarked superficial order (positioned after the name, in DP). However, there are two different ways of analyzing the nature of adjectives that have been highlighted in the literature: in one side, several authors, represented in this article by Crisma (1990, 1993, 1996), defend that adjectives enter in DPs as specifiers of specific functional projections and, thus they are always XPs; on the other side, authors such as Bernstein (1993), for example, claim that adjectives can be auxiliars or adjuncts, that is, they can be heads or XPs. This divergence points to which problems a new hypothesis should face.

Keywords: Head movement hypothesis. Prenominal and pronominal adjectives. Nature of adjectives.

NOTAS

- ¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina
- ² JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. 1972, MIT, Press, Cambridge, MA.
- ³ O fato de existirem línguas em que adjetivos pré-nominais tomam complementos não enfraquece, para Cinque, esta hipótese, se for possível mostrar que essas línguas também têm relativas reduzidas pré-nominais com as mesmas propriedades.

REFERÊNCIAS

- BERNSTEIN, Judy. *Topics in the syntax of nominal structure across romance*. 1993. PhD Dissertation. CUNY
- CINQUE, Guglielmo. *On the Evidence for Partial N-movement in the Romance DP*. 1993. *University of Venice Working Papers in Linguistics*, 3.2, 21-40.

Veneza: Centro Linguistico Interfaculta. Disponível em: <http://lear.unive.it>
Acesso: 18 mai 2009.

_____. *The syntax of adjectives: a comparative study*. 2008. Disponível em:
<http://lear.unive.it>. Acesso: 19 jun 2009.

CRISMA, Paola. *Functional categories inside the noun phrase: a study on the distribution of nominal modifiers*. 1990. Tese. University of Venice.

_____. On Adjective Placement in Romance and Germanic Event Nominals. In: *Rivista di Grammatica Generativa*, 18:61-100 (1993). Disponível em:
<http://lear.unive.it/handle/10278/410>. Acesso: 16 jan 2009.

_____. *On the configurational nature of adjectival modification* 1996. In: ZAGONA, K. (ed). *Grammatical Theory and Romance Languages*, number 133 in Current Issues in Linguistic Theory. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1996.

MENUZZI, Sérgio. Adjectival positions inside DP. In: C.Cremmers & R.Bok-Benema (eds.) *Linguistics in the Netherlands*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994, p. 127-38.